



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL JATAÍ
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE
ESTUDOS GEOGRÁFICOS
CURSO DE GEOGRAFIA



KARLA LOPES ROSA

**A DINÂMICA POPULACIONAL E SUAS CAUSAS EM PEQUENAS CIDADES DO
NORTE DO ESTADO DE GOIÁS: UMA ANÁLISE DE SANTA TEREZINHA DE
GOIÁS (GO) DE (1991 A 2010)**

JATAÍ (GO)

2016

KARLA LOPES ROSA

**A DINÂMICA POPULACIONAL E SUAS CAUSAS EM PEQUENAS CIDADES DO
NORTE DO ESTADO DE GOIÁS: UMA ANÁLISE DE SANTA TEREZINHA DE
GOIÁS (GO) DE (1991 A 2010)**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Geografia-Habilitação Bacharelado da Regional Jataí (GO) da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial do título de Bacharel em Geografia, sob orientação da Professora Dra. Maria José Rodrigues.

JATAÍ (GO)

2016

KARLA LOPES ROSA

A DINÂMICA POPULACIONAL E SUAS CAUSAS EM PEQUENAS CIDADES DO NORTE DO ESTADO DE GOIÁS: UMA ANÁLISE DE SANTA TEREZINHA DE GOIAS (GO) DE (1991 A 2010).

Monografia de final de curso DEFENDIDO e APROVADO em 14 de Março de 2016, pela banca examinadora constituída pelos membros:

Profa. Dra. Maria José Rodrigues
Orientadora

Prof. Dr. Márcio Rodrigues Silva
Membro Interno - UFG/REG

Roberto Ferreira de Souza
Membro Externo

JATAÍ (GO)

2016

Dedico este trabalho a Deus pelo seu amor e graça infinita,
e aos meus pais, minha base e alicerce.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por sua graça e misericórdia que me ajuda e guia todos os dias, a toda minha família, em especial os meus pais que mesmo distantes foram meu esteio, sempre me incentivando na realização dos meus planos e projetos.

Agradeço a todos os professores do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás Regional Jataí pela dedicação.

A professora Dra. Maria José Rodrigues que me orientou na realização desta pesquisa, esclareceu e direcionou meu trabalho em todas as fases, estando presente sempre que precisei.

Agradeço aos meus inúmeros colegas de curso de todas as turmas que passei levarei cada uma delas na memória.

Agradeço também a todos os entrevistados dessa pesquisa pela atenção e disposição em me receber em seus lares e passar as informações que foram primordiais para o desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, quero agradecer as pessoas maravilhosas que conheci nessa cidade que levarei por toda vida. E a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização de mais este sonho.

CIDADE PEQUENA

Cidade pequena
Tão bela serena
Que me encantou

Vejo teu povo
Cantando feliz
Cheio de amor

Ainda bem
Que o progresso
A riqueza o sucesso
Não te encontrou

Aqui reina a paz
Amizade, alegria
Ai como eu queria
Dizer-te quem sou

Que vivo correndo
De medo morrendo
Da violência
E terror

Por isso que eu acho
Cidade pequena
Ser tranquila e serena
É teu maior valor.

José Paraguassú

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo a análise da dinâmica populacional nas pequenas cidades do Norte do Estado de Goiás. Este objetivo partiu da percepção da importância que as pequenas cidades vêm tomando cada vez mais no contexto das redes urbanas, e da necessidade de estudos e pesquisadores voltados para este tema. Para isso, faz-se necessário conceituar pequenas cidades analisando os critérios utilizados para esta conceitualização relacionando a dinâmica populacional e aos fatores que levam a sua ocorrência. Além disso, foi utilizado como metodologia para a concretização desta pesquisa a realização da entrevista com moradores da cidade de Santa Terezinha de Goiás utilizada como foco de análise e leituras bibliográficas sobre pequenas cidades para melhor sustentação para esta pesquisa. A partir das informações coletadas com a população residente os dados foram analisados a fim de evidenciar as causas da dinâmica populacional nas pequenas cidades, comparando-os a história, lutas e evoluções econômicas e políticas. Com a finalização desta pesquisa, considera-se que o período de extração mineral afetou de forma significativa na dinâmica populacional do município, porém nos últimos anos novos motivos tem contribuído para esta dinâmica.

Palavras-Chave: Pequenas Cidades. Dinâmica Populacional. Santa Terezinha de Goiás.

ABSTRACT

This research aims to analyze population dynamics in small towns in the north of the state of Goiás. The goal came from the perception of the importance of small cities are increasingly taking in the context of urban networks, and the need for studies and researchers toward this subject. For this, it is necessary to conceptualize small towns analyzing the criteria used for this conceptualisation relating to population dynamics and the factors that lead to their occurrence. Moreover, it was used as a methodology for the realization of this research the interview with residents of the city of Santa Terezinha de Goiás used as the focus of analysis and literature readings on small towns for better support for this research. From the information collected with the resident population data were analyzed in order to highlight the causes of population dynamics in small towns, comparing them the history, struggles and economic and political developments. With the completion of this research, it is considered that the mining period significantly affected the population dynamics of the city, but in recent years new reasons have contributed to this dynamic.

Keywords: Small Cities. Population dynamics. Santa Terezinha de Goiás.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Vista panorâmica da Igreja Católica de Santa Terezinha de Goiás.....	23
Foto 2 - Garimpeiros lavando cascalho para retirar as esmeraldas	25
Foto 3 - Vista parcial da Av. Dona Dita em Santa Terezinha de Goiás.....	26

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do Município de Santa Terezinha de Goiás (GO).....	21
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Evolução Populacional em Campos Verdes, Goiás (1991-2010).....	27
Tabela 2 - Evolução Populacional em Santa Terezinha de Goiás (1991-2010).....	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução Populacional em Campos Verdes, Goiás (1991-2010).....	27
Gráfico 2 – Evolução Populacional em Santa Terezinha de Goiás (1991-2010).....	28

LISTA DE SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB - Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PEQUENAS CIDADES: alguns critérios para análise.....	13
2.1	CARACTERIZAÇÃO DAS PEQUENAS CIDADES.....	15
2.2	DINÂMICA POPULACIONAL DAS PEQUENAS CIDADES.....	18
3	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	21
3.1	HISTÓRICO DE SANTA TEREZINHA.....	22
4	O GARIMPO DE SANTA TEREZINHA DE GOIÁS: origem, apogeu e decadência.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	ANEXOS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país caracterizado por grande extensão territorial, porém sua ocupação populacional se deu de forma desigual, concentrando-se na faixa litorânea nas regiões Sul e Sudeste principalmente. Em todo o país é possível perceber que as regiões metropolitanas são mais povoadas que o interior.

No Estado de Goiás não é diferente, dos 246 municípios 194 possuem a população igual ou inferior a 20 mil habitantes, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015). Santa Terezinha de Goiás localizado no norte do Estado na microrregião de Porangatu, está inserida neste grupo, além disso, faz parte das cidades mineradoras onde ocorre um crescimento desordenado da população e depois uma perda considerável em pequeno espaço de tempo.

A dinâmica populacional ocorre por vários motivos entre eles podemos citar os movimentos migratórios, taxa de fecundidade e de mortalidade. Ao tratar sobre esse movimento demográfico Camarano (2014), destaca que essa dinâmica influencia também o crescimento econômico, devido a população ser um insumo importante para o processo produtivo.

As causas da dinâmica populacional nas cidades da região norte do Estado de Goiás geralmente estão ligadas ao extrativismo mineral. As conhecidas cidades mineradoras se destacam há muito tempo, e constantemente novas empresas são instaladas para explorar recursos minerais característicos dessa região.

Para a realização dessa pesquisa procurou-se conceituar pequena cidade. Para fazer esta classificação como destacado por Lopes (2010), cidade pequena se contraporia à cidade grande. E cidade média seria aquela que está entre uma e outra, ou seja, teria uma dimensão intermediária. Além disso, buscou-se responder questionamentos através de depoimentos dos antigos moradores que relataram as principais causas dessa perda e como a população remanescente enfrentou este processo.

Palacín (1979) descreve sobre a mineração destacando que “suas fases são quase fatais: descobrimento; um período de expansão febril, caracterizado pela pressa e semianarquia; depois, um breve, mais brilhante período de apogeu, e, imediatamente, quase sem transição, a súbita decadência, prolongada às vezes, com uma lenta agonia” (PALACÍN, 1979, p. 11).

Diante do exposto temos como objetivo geral dessa pesquisa analisar as causas da dinâmica populacional em pequenas cidades do Norte do Estado de Goiás e como objetivos específicos conceituar pequenas cidades, fazer o levantamento das principais causas que levam a dinâmica populacional no município de Santa Terezinha de Goiás e identificar os principais problemas enfrentados pela população atualmente.

Para atingir os objetivos a metodologia utilizada foi a seguinte: levantamento de referencial teórico acerca de pequenas cidades, levantamento de dados secundários sobre população junto ao IBGE, entrevistas com moradores da cidade de Santa Terezinha de Goiás, análise e discussão dos resultados. Considera-se que esta pesquisa é importante para entender a dinâmica populacional nessas pequenas cidades e as principais causas de sua ocorrência.

2 PEQUENAS CIDADES: alguns critérios para análise

Quando tratamos sobre o conceito, formação e a forma como as cidades se organizam, é possível perceber que de maneira geral a dinâmica do território brasileiro é desigual. A organização espacial vem muito antes de um local ser intitulado cidade. O contexto histórico de sua formação e atuação em relação às redes urbanas vão além dos dados que as classificam como pequenas, médias e grandes cidades. Segundo Soares e Melo (2010) discutindo sobre o eixo teórico-metodológico da pesquisa sobre pequenas cidades destacam que:

A (re) construção dos espaços objetos de estudo, considera suas formações, a fragmentação territorial e constituição dos municípios, as suas particularidades socioeconômicas e espaciais no tempo histórico, principais mudanças e conteúdos contemporâneos. Está embasado na compreensão de que os espaços em análise não se explicam por si mesmos, estão inseridos em processos gerais, que marcam a formação socioeconômica e espacial do território goiano, bem como de região de que fazem parte; porém, cada lugar apresenta, também, sua história, com conteúdos e formas específicas e graus diferentes de inserção na dinâmica da sociedade (SOARES E MELO, p.404).

Os estudos sobre as pequenas cidades se tornam importantes à medida que elas vêm tomando espaço na dinâmica geral da organização territorial do Brasil. As pesquisas teórico-metodológicas voltadas para o estudo das cidades, geralmente tem como foco as grandes metrópoles por representarem os grandes centros comerciais e maior número de habitantes. Porém a maior parte dos municípios brasileiros segundo dados do IBGE são considerados pequenos municípios.

Analisando de forma abrangente a formação espacial, no entanto, explicaria as diferenças existentes em cada espaço que carregam suas características e particularidades desde a colonização do país. No Brasil, por exemplo, devido sua grande extensão territorial podemos observar as diferenças existentes de uma região para outra. Sendo que cada uma dessas regiões possuem suas cidades pequenas, médias e grandes com características e funcionalidades próprias.

Para se analisar o espaço faz se necessário primeiro uma análise da sociedade que ocupa este espaço. Conforme apresentado por Corrêa (2008):

O mérito do conceito de formação socioespacial, ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há, assim, por que falar em sociedade e espaço como se fossem coisas separadas que nós reuniríamos a posteriori, mas sim de formação socioespacial. Nesta linha de raciocínio admitimos que a formação socioespacial possa ser considerada como uma meta conceito, um paradigma, que contém e está contida nos conceitos-chave, de natureza operativa, de paisagem, região, espaço (organização espacial), lugar e território. (CORRÊA, 2007, p. 26).

O surgimento das pequenas cidades vem destes processos de organização espacial, geralmente ligadas a questões econômica e social. Enquanto que cada espaço representa e traz consigo uma característica própria que somada às demais contribuem para o funcionamento da dinâmica atual do território brasileiro e se inserem nas redes urbanas. Segundo Bacelar (2008):

A cidade é reflexo da sociedade que a cria e também é o seu perfil . A sociedade humana está em constante movimento e as cidades também. O movimento da sociedade não tem uma lógica formal, porém, tem uma lógica e, esta é, desse modo, dialético. As construções e as realizações humanas são contraditórias e criam e recriam o espaço, sendo este também modificado pelas suas construções e realizações. (BACELAR, 2008, p. 61).

A colocação que o autor faz reforça a ligação existente entre o espaço e a sociedade que o ocupa, refletindo nas características da cidade. Estes reflexos podem aparecer tanto na forma física como no caso das construções antigas de outro tempo, mais que ocupa o mesmo espaço, ou até mesmo na forma de manifestações culturais como festas religiosas e tradições de gerações antigas que são repassadas e permanecem com o passar do tempo. Muitas cidades carregam essas características que vem desde o início de seu processo de urbanização. Santos (2001) destaca que:

É assim que as cidades constituem, cada vez mais, uma ponte entre o global e o local, em vista das crescentes necessidades de intermediações e da demanda também crescente das relações. Os sistemas de cidades constituem uma espécie de geometria variável, levando em conta a maneira como as diferentes aglomerações participam do jogo entre o local e o global. É dessa forma que as cidades pequenas, médias acabam beneficiadas ou, ao contrário, são feridas ou mortas em virtude da existência desigual dos seus produtos e de suas empresas face ao movimento de globalização. (SANTOS, 2001 p.281).

A colocação de Santos (2001), chama a atenção não apenas para a importância dessas cidades em seu aspecto local como uma cidade formada mas, também para a relação entre o social e o espaço onde ambos são agentes influenciadores e influenciados pelo processo de globalização.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PEQUENAS CIDADES

No Brasil a classificação do tamanho da cidade é realizada segundo o número de habitantes. Podendo ser classificadas como pequenas, médias e grandes. Nos trabalhos realizados por autores do IBGE classificam como pequenas cidades aquelas que possuem menos de 20 mil habitantes, as com mais de 20 mil e menos de 500 mil habitantes são classificadas como médias e as que ultrapassam os 500 mil habitantes são as grandes cidades. Conforme apresenta Lopes (2010):

No Brasil, o contingente populacional é um dado significativo embora não suficiente da dimensão e da importância das cidades no contexto regional e nacional. Como afirmado anteriormente e também expresso por vários autores, uma cidade de 10 mil habitantes no Brasil é diferente, a depender de onde esteja localizada, se no Norte, no Nordeste ou no Sudeste. Da mesma forma, se com o mesmo tamanho populacional, estiver situada em um país europeu, para citar um exemplo. A concentração de capitais, a dinâmica econômica, a oferta de serviços, entre outros, compõem o conjunto das diferenças. No Nordeste brasileiro, a maioria das pequenas cidades têm como principal função a administração da economia rural. Diante mesmo da escassez inclusive de uma economia rural significativa, a dinâmica dessas pequenas cidades dá-se unicamente pelo recebimento dos recursos federais de benefícios sociais. É fato que a ausência de atividades econômicas capazes de gerar receita nesses municípios diz respeito não só às atividades industriais, comerciais e de serviços, mas também às atividades primárias. Além disso, vale notar que o pouco movimento encontrado nessas localidades dá-se nos dias das feiras locais não somente nos espaços onde ocorrem as feiras, mas nos estabelecimentos comerciais, principalmente naqueles que vendem produtos voltados para a agropecuária. (LOPES, 2010, p. 38).

Essa classificação considera apenas o número de habitantes e não sua funcionalidade, ou seja o que ela representa no contexto geral das redes urbanas. Precisamos portanto conceituar pequena cidade destacando o que a caracteriza por ser complexo como afirma Lopes (2010):

A noção de pequena cidade, levando-se em conta certos modos de vida, se apoia em um conteúdo perceptivo que é, de certa forma, subjetivo. Muitas vezes, para os moradores de grandes cidades, as chamadas pequenas cidades não se constituem em áreas urbanas, mas, para os que vivem nestas localidades, ou mesmo no meio rural, suas percepções as identificam como urbanas. Temos que considerar que tais posturas estão apoiadas nos atributos que essas cidades possuem e, sendo assim, as definições qualitativas destas estão apoiadas na existência de edifícios, avenidas e um conjunto de atividades e funções de administração, organização, decisão e produção. (LOPES, 2010, p.18).

Uma cidade com até 30 mil habitantes no Estado da Bahia, por exemplo, pode não ter metade do desenvolvimento econômico e infraestrutura que tem em uma cidade de 20 mil

habitantes no Estado de Goiás e essa discrepância pode ser ainda maior se comparada ao desenvolvimento das pequenas cidades do Estado de São Paulo. Segundo Bacelar (2008):

Em uma pequena cidade, a modernidade não chega sempre por inteiro, ela chega compartimentada, pontual. Esta não pode ser encarada em uma visão economista/desenvolvimentista, pois as pequenas cidades têm outras opções como a cultura, o turismo e o registro histórico. O que devemos encarar é o uso que se faz das “residências” das pequenas cidades, estas não podem ser sinônimos de atraso. Este não pode ser usado como mito de uma pequena cidade “sem problemas”, assim como a condição privilegiada de algumas cidades, de uma dada região, não pode ser reflexo de um todo, que se encontra heterogêneo. (BACELAR, 2008, p. 63).

Sendo assim, a classificação do tamanho da cidade não reflete no seu grau de importância. Este está atrelado a vários outros fatores que a tornam parte de uma rede que abrange do local ao global. A dinâmica populacional torna-se um fator de suma importância para este estudo devido ao número cada vez maior de migrações nas pequenas cidades. Essas transformações demográficas apresentam impactos sobre o meio ambiente, e essas modificações repercutem sobre as populações, sendo a magnitude destes efeitos influenciada pelas características demográficas (CAMARANO, 2014).

Por considerar subjetiva a conceituação de pequenas cidades, Soares e Melo (2010) consideram alguns critérios que podem de certa forma auxiliar na complexidade que é a classificação de pequenas cidades que são: tamanho populacional, critérios econômicos e critério funcional.

O tamanho populacional segundo Soares e Melo (2010):

As instituições empregam este critério em vários momentos. Ele tem poucas vantagens, entretanto destaca-se que: é fácil para a obtenção de dados estatísticos e de suas séries históricas; este tipo de variável favorece a elaboração de estudos comparativos e análises evolutivas; contém certo grau de precisão, o que viabiliza a realização de projeções. No entanto, afirmar que uma localidade é ou não urbana apenas pelo tamanho demográfico não é adequado. Pensar em urbano requer que se considerem os níveis de desenvolvimento, as funções, a diversidade regional, o modo de vida, as relações políticas, entre outros aspectos. (SOARES E MELO, 2010, p. 239).

O tamanho populacional é um critério bastante utilizado, porém não atende por completo essa classificação, devido principalmente à diferença existente entre as cidades com o mesmo número de habitantes em diferentes regiões do Brasil por exemplo.

O segundo critério apresentado por Soares e Melo (2010): são os econômicos, destacam que:

São utilizados dados socioeconômicos diversos. Em geral, o que mais interessa aos estudos fundamentados nesses critérios são a organização e a composição econômica da população ativa e a população ocupada por setores de atividades. Esses dados por si também acabam traduzindo apenas superficialmente as relações econômicas e as suas inserções na dinâmica geral da sociedade. É fundamental, em estudos mais aprofundados, considerar o nível técnico ou tecnológico das atividades econômicas, as ligações das atividades locais com a economia regional/ nacional; os agentes econômicos principais; a drenagem da renda; o tipo de consumo que a riqueza retida localmente proporciona; entre outros. (SOARES E MELO, 2010, p. 239).

Este critério está voltado mais para a economia local, não levando em consideração apenas número de habitantes, mais fazendo um apanhado geral do desenvolvimento técnico-científico. A economia atua de forma muito interessante sobre a dinâmica populacional. Por exemplo, um lugar onde a economia é desenvolvida ou está passando por um processo de industrialização recebe maior número de pessoas em busca de trabalho e empresas interessadas em investir no tipo de produção local.

O terceiro critério apresentado por Soares e Melo (2010) foi o funcional:

Parece evidente a relação entre a cidade com determinadas atividades e as funções que ela realiza, que são direcionadas a sua população e a sua região. A cidade tem funções diversas que permitem sua existência, no entanto, estas estão distribuídas de modo desigual, tanto no interior da própria cidade como em seu entorno. A presença e a localização de produção e serviços estruturam e movimentam a cidade e criam centralidades. Desse modo, é necessário considerar nos estudos sobre os espaços não metropolitanos aspectos relacionados aos mecanismos da diversificação do tecido urbano, que tem expressão nas diversas manifestações das funções urbanas, quer sejam elas relativas à produção, aos serviços, ao consumo ou ao lazer. (SOARES E MELO, 2010, p. 239).

Este critério representa a funcionalidade do local, ou seja, de que forma esta cidade atua no contexto geral sua importância e atuação sendo um complemento para a classificação das cidades.

Ainda no intuito de classificar pequenas cidades Santos (1979), substitui o termo pequenas cidades por cidades locais, destacando que: “a cidade é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir as necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população, com verdadeira espacialização do espaço” (SANTOS, 1979, p. 71).

Para Santos (1979), a “cidade local” atende apenas a população local, porém a mesma está inserida a uma rede de relações, que complementam as redes urbanas.

Outra abordagem quanto as características das pequenas cidades apresentados por Moreira (2014), trata-se de uma comparação entre as tendências nas pesquisas geográficas sobre cidades pequenas destaca que:

Na Geografia, o espaço enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade apresenta várias facetas que permitem que seja analisado de forma multivariada. Diferentes modos de encarar o espaço urbano, os seus habitantes e as suas dinâmicas têm permeado a abordagem no interior do pensamento geográfico. Nos estudos dedicados às cidades pequenas, nota-se que a influência da leitura a partir da produção do espaço vem ganhando destaque. Mas, se as cidades são pequenas, os desafios ainda são grandes. São igualmente utilizadas diferentes definições: pequenas cidades, cidades pequenas, cidades de pequeno porte ou cidades locais. Da mesma forma, diferentes classes de tamanho populacional são definidas para delimitar o que está sendo chamada de cidade pequena. A falta de um consenso é expressão direta das limitações teórico-conceituais e metodológicas com as quais os pesquisadores têm se deparado na leitura dessas realidades urbanas (MOREIRA JR, 2014, p. 155).

O autor ressalta ainda que assim como há um consenso para a definição das grandes metrópoles e as médias cidades, precisa também haver um avanço quanto ao estudo das pequenas cidades.

Ao analisar os critérios apresentados pelos diferentes autores é possível perceber que todos eles de fato são fatores que influenciam na dinâmica populacional não apenas nas pequenas cidades mais também nas médias e grandes, porém são mais percebidos nas pequenas cidades, devido a sua representatividade para a população local que dependem de algum tipo específico de atividade para sobreviver.

2.2 DINÂMICA POPULACIONAL DAS PEQUENAS CIDADES

Dos 246 municípios do Estado de Goiás, nenhum deles, além de capital Goiânia possui uma população superior a 550 mil habitantes. Isso mostra que existe uma concentração maior nas regiões metropolitanas de Goiânia (GO) e no entorno de Brasília (DF).

Diante disso, podemos perceber que não apenas no Estado de Goiás mais a organização socioespacial brasileira está em constante modificação, inserindo no contexto das redes urbanas as pequenas cidades por se mostrarem cada vez mais parte integrante deste processo, onde alguns espaços se apresentam bem mais habitados que outros.

Santos (2001) classifica estes espaços como zonas de densidade e de rarefação segundo ele o território mostra diferenças de densidades quanto as coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações, do dinheiro e também quanto às ações.

No caso do Estado de Goiás as aglomerações urbanas ocorrem de várias formas, sendo muitas dessas ligadas às questões sociais como a procura por emprego. Podemos citar como exemplo os movimentos migratórios, onde as pessoas que deixaram a zona rural para as regiões metropolitanas em busca de novas oportunidades de emprego, sendo muitas dessas famílias com pouca ou nenhuma escolaridade.

Outro processo bastante comum nos dias de hoje, é o que ocorre nas pequenas cidades, que seria o contrário, a migração das pessoas para o campo devido a industrialização. Pequenas cidades recebem complexos agroindustriais que modificam e reestruturam a produção do campo. Além disso, o processo de globalização facilita a maior circulação de mercadorias, pessoas e informações, que proporciona a modificação socioespacial e diferenciação dos espaços. Santos (2001) destaca que:

Tais desigualdades, vistas como números, não são mais do que indicadores. Elas revelam e escondem, ao mesmo tempo, uma situação e uma história. Na realidade, trata-se de um verdadeiro palimpsesto, objeto de superposições contínuas, abrangentes ou localizadas, representativas de épocas, cujos traços tanto podem mostrar-se na atualidade como haver sido já substituído por novas adições. As desigualdades que se dão fisicamente aos nossos olhos encobrem processos evolutivos que as explicam melhor do que as cifras com as quais são representadas. (SANTOS, 2001, p.260).

Isso que Santos (2001) se refere é bem comum de acontecer em pequenas cidades onde são encontrados minérios, por ser um recurso não renovável, sua extração tem poucos anos de duração. Estes locais também recebem grande número de pessoas que precisam migrar para novas cidades quando as minas são fechadas ou procurar outras formas de trabalho.

A dinâmica populacional nas pequenas cidades pode ser percebida devido principalmente aos aspectos que ela representa. Inicialmente podemos citar as questões econômicas, o recebimento de um grande número de pessoas devido a algum tipo de atividade que passa a ser desenvolvida no lugar como agricultura, mineração, alguma fábrica, frigorífico ou empresa multinacional. Enfim, qualquer um destes elementos pode mudar a dinâmica populacional do lugar, e muitas vezes essa mudança ocorre tão rápido quanto termina.

Para Olanda (2008, p. 185)

As cidades surgiram e surgem, consolidam-se ou estagnam a partir de movimentos/forças de concentração e dispersão. Estas representam as dinâmicas sociais contemporâneas ou pretéritas, sendo desse modo, ao mesmo tempo processos e resultados. Estes processos foram e são forjados em diferentes dimensões, tais como: política, econômica, demográfica: expressas no território, de forma contínua e descontínua.

No pequeno espaço de tempo que ocorrem essas mudanças podem as vezes acompanhar o desenvolvimento local ou não. Por exemplo: a medida que a cidade começa a desenvolver para outros tipos de atividades, ela consegue continuar crescendo mesmo que a atividade principal que a alavancou pare de ser desenvolvida.

O que geralmente acontece nestes locais é a queda drástica da economia assim que a cidade para de exercer a atividade principal que ajudou no seu desenvolvimento, e esta não consegue migrar para outro tipo de atividade, causando assim o efeito contrário que seria a perda dessa população que migram em busca de novas oportunidades. Segundo Melo (2008):

As dificuldades apresentadas à análise da temática pequenas cidades são muitas; passam, por um lado, pela fragilidade teórica e metodológica da Geografia e de outras áreas no tratamento do tema; por outro lado, a própria diversidade da realidade socioespacial brasileira constitui-se em um complicador, pois há ocorrência de pequenas cidades inseridas em áreas economicamente dinâmicas, como nas áreas de agricultura moderna, que conseguem atender as demandas básicas da sua população e as da produção agrícola, algumas apresentando considerável crescimento demográfico, e outras não. Coexistem pequenas cidades que funcionam como reservatório de mão-de-obra e também são marcadas pelo esvaziamento gerado por processos migratórios, sobretudo de pessoas em idade ativa, permanecendo os idosos. (MELO, 2008, p. 438).

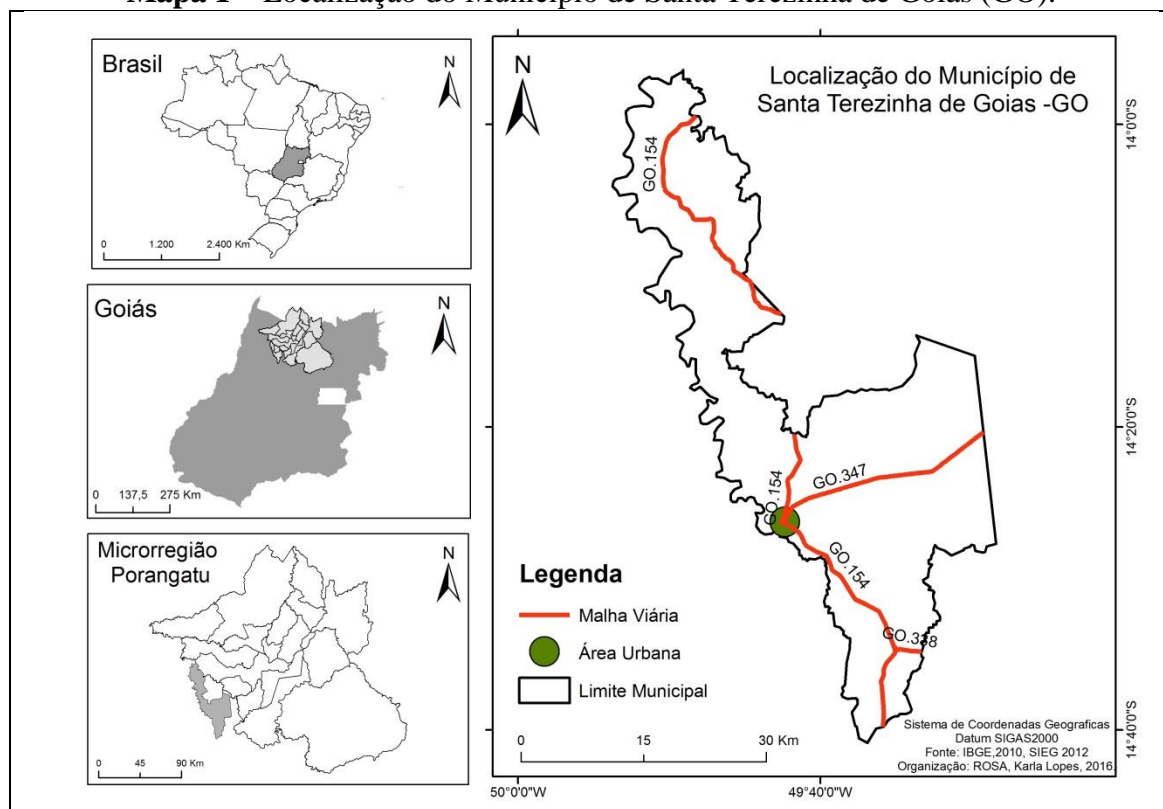
Dentre os problemas deixados por essa perda de população podemos citar a queda nos valores imobiliários, diminuição do comércio local, perda da população jovem devido a falta de oportunidades como estudos e empregos entre vários outros fatores que contribuem para a continuidade do desenvolvimento.

O que a maior parte dos autores que estudam as pequenas e médias cidades defendem é que essas não podem ser classificadas como “atrasadas”, ou ter seu grau de importância com base no número de habitantes que possui. Por considerar esses fatores incapazes de definir a importante atuação que as pequenas e médias cidades possuem.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Santa Terezinha de Goiás está localizado no Norte do Estado de Goiás na microrregião de Porangatu, a 300 km da capital Goiânia (Mapa 1). Tornou-se distrito pela lei número 19 de 22 de julho de 1963, aprovado pela câmara Municipal de Pilar de Goiás que teve como subprefeito nomeado na época o Sr. Geraldo Batista Ferreira. Sendo emancipada em 23 de outubro de 1963, e sua posse em 1º de Janeiro de 1964. Este município possui atualmente 10.302 habitantes segundo dados do censo do IBGE de 2010, porém esta mesma cidade já teve uma população de 16. 522 habitantes na década de 1990, um valor bastante considerável devido ao curto espaço de tempo. Sendo este um dos motivos que este município foi escolhido como foco de análise para a realização desta pesquisa.

Mapa 1 – Localização do Município de Santa Terezinha de Goiás (GO).



Organização: ROSA, K.L (2016).

Atualmente a economia local predominante é o comércio que representa 67,5 % do PIB (Produto Interno Bruto) do município segundo dados do Instituto Mauro Borges referente a 2013. Porém no início dos anos 1980 até meados da década de 1990, ocorreu um crescimento desordenado da população, ocasionado principalmente pela oferta de trabalho oferecida pela descoberta das minas de Esmeralda, o que ocasionou uma explosão de

imigrantes, em busca do dinheiro fácil, promovendo um grande fluxo de pessoas e também problemas estruturais. Esse aumento trouxe na época muito emprego e dinheiro para o município, mas devido a curta duração do mineral extraído, a população precisou se adequar a novas estratégias para se manter.

3.1 HISTÓRICO DE SANTA TEREZINHA DE GOIÁS

Na região norte do Estado de Goiás a mineração está bastante ligada a sua ocupação socioespacial. Por muito tempo o século XIX em Goiás ficou conhecido como local de decadência e atrasos como descrito por Palacín (1979):

(...) antes, com a produção de ouro, os habitantes de Goiás viam passar com frequência os tropeiros e mascates com suas mercadorias, trazendo notícias do que acontecia nas capitanias, no Brasil e até na Europa. Com a queda da mineração deixaram de vir a Goiás, cuja população ficou isolada durante muito tempo (PALACÍN, 1979, p.29).

Santa Terezinha de Goiás, no entanto não surgiu diretamente por causa do garimpo, como relata Pimentel (2010), mas este influenciou de forma tão intensa que transformou completamente a cidade.

Em 1953, a família Batista Ferreira saiu de Anápolis com o fim de conhecerem as terras compradas dos legítimos herdeiros. Da cidade de Itapaci em diante foi preciso abrir estradas, onde só havia trilhas de animais. Verdadeiros bandeirantes venceram diversos obstáculos até alcançar o objetivo. Fizeram pontes de buritis, abriram estrada com foice, machado, enxadas, ferramentas rudimentares, cozinham em trempes, dormiram sob a luz das estrelas. Aqui chegando a primeira coisa que fizeram foi erguer uma cruz tosca e rezaram um terço. Essa cruz foi arrancada da praça da Igreja quando da construção do 1º jardim da praça José Batista Ferreira. A cidade desde o início recebeu este nome devido a devoção do fundador e por causa da fazenda ter este nome. Depois disto as mulheres fizeram os adobes e os homens ergueram uma igreja. Mas a primeira missa foi no dia 28 de julho de 1954, celebrada pelo Padre Luiz Olabamieta, a sombra de um pequizeiro. A pequena população vivia de modo rudimentar, toda mercadoria, por exemplo, era buscada em lombo de cavalo, usando-se cangalhas e buracas para carregar todo tipo de alimentação que precisava a população, de cidades distantes, estas viagens levavam semanas, meses, por falta de estradas (PIMENTEL, 2010, P.19).

Como observado no histórico do município, a Praça José Batista Ferreira foi o local que abrigou os pioneiros que ali rezaram um terço aos pés de uma tosca cruz que mais tarde sediou a primeira igreja da cidade (Foto 1).

Foto 1 – Vista panorâmica da Igreja Católica de Santa Terezinha de Goiás (2015).



Fonte: ROSA, A. K. (2015).

Quando foram encontradas as esmeraldas no município a cidade já contava com uma população residente que vivia da agricultura e pecuária. Anos mais tarde com a descoberta das esmeraldas houve uma superlotação e esta população precisou se adaptar para enfrentar toda essa mudança.

4 O GARIMPO DE SANTA TEREZINHA DE GOIÁS: origem, apogeu e decadência.

A região onde está localizado o município de Santa Terezinha de Goiás é rica não apenas em minérios mais também por suas belezas naturais, rio como o Crixás-Açu, o importante afluente do Rio Araguaia, além de vários outros que compõe a bacia hidrográfica da região. Moradores mais antigos relatam que se encantavam com o lugar devido a quantidade de peixes existente nos rios, as terras eram ricas em nutrientes para plantações e boas para criação de gado causando bastante interesse para as pessoas que chegavam à cidade em busca de terras para investir.

Com o passar do tempo foram encontradas as esmeraldas na região. As histórias quanto às primeiras esmeraldas encontradas se divergem e até se misturam a mitos e realidades do conhecimento popular. Segundo o histórico oficial da cidade quanto ao surgimento do garimpo:

A descoberta aconteceu quando o petroleiro Diolino Gonçalves da Silva preparava a terra para a construção de uma estrada na região e descobriu uma jazida de esmeraldas. Este fato chamou a atenção de pessoas dos vários estados do país. Os primeiros exploradores foram Chico Moita e João Mecânico, que tentaram vender as pedras verdes como se fossem turmalinas. Atraídos pelas minas, logo chegaram os primeiros moradores, formando o povoado chamado Garimpo, que na época passou a pertencer ao município de Santa Terezinha de Goiás (IBGE, 2016).

Ocorreu então que a pequena e pacata cidade passou por um período de exploração mineral e recebeu com isso não apenas a vulnerabilidade ambiental mais também social, econômica e institucional que pode ser percebida através dos depoimentos de moradores atuais.

Em entrevista com um ex-prefeito da cidade e hoje escritor E. M. P. que teve seu mandato nos anos de (1973-1977), conta que foi a Santa Terezinha passear com a família e gostaram tanto do lugar que resolveram investir em terras e passaram a lidar com roça. Isso em 1954 muito antes do garimpo. Ele conta que ainda no auge do garimpo um baiano garimpeiro da época chega até ele e diz a seguinte frase “Infeliz a cidade que tem garimpo”, essa frase ele só pode entender anos mais tarde quando presenciou a decadência do garimpo e seus reflexos para a população:

Com o fim do garimpo a cidade virou um fracasso pude ver mansões sendo vendidas quase de graça, tudo aqui perdeu o valor e a cidade virou quase que uma cidade fantasma e levou muitos anos para se reerguer. Nós antigos moradores que não tínhamos experiência com pedras não soubemos aproveitar da situação ficando apenas com seus reflexos. (Entrevista em 23/12/2015).

O auge do garimpo ocorreu nos anos de 1983 a 1989, durante o mandato do prefeito Fernando Soares nordestino de Pernambuco. Nesse período a arrecadação municipal era o triplo da existente nos dias de hoje como conta o Ex- prefeito J. N. S. irmão de Fernando Soares que teve seu mandato após o auge do garimpo nos anos de (1993-1996). J. N. S. conta que assumiu a prefeitura em tempos difíceis relata que:

Nesse período não apenas nossa cidade, mas todo o Brasil passava por uma fase difícil a troca de presidente de 1994 e a decadência do garimpo, muita gente deixou o município e foi uma fase complicada para a política local, pois o povo estava acostumado com muito dinheiro e de repente tudo cortou, arrecadação municipal caiu e com isso a prefeitura também sentiu a real situação. O povo sem emprego recebia do governo Estadual na época o Maguito Vilela cestas básicas e vale leite. (Entrevista em 11/01/2016).

O desemprego com a decadência do garimpo pode ser pontuado como maior problema da época, famílias inteiras não tinham mais com o que trabalhar muito menos outra opção de atividade que pudesse desenvolver sendo preciso até mesmo largar a família em Santa Terezinha de Goiás e migrar para outros garimpos. Muitas famílias passaram por isso. A prefeitura na época não foi capaz de amenizar a situação o vereador J. M. S. que também foi vereador neste período conta que:

Na época a prefeitura foi omissa, não criou nenhum programa de auxílio as famílias em vulnerabilidade social. Acredito que para a prefeitura o impacto foi insignificante, porém o povo teve que se virar em busca de novas fontes de renda. Mas acredito que hoje a economia da cidade mudou completamente e que não há reflexos do garimpo depois de todo esse tempo (Entrevista em 13/01/2016).

As esmeraldas eram retiradas de forma rudimentar, (Foto 2) no Garimpo das Esmeraldas como ficou conhecido o local a 22 km da cidade de Santa Terezinha de Goiás na Fazenda São João nas terras que pertencia ao senhor João Gambira. As esmeraldas eram comercializadas na feira do Rato como era conhecido o local, na principal avenida da cidade de nome Dona Dita (Foto 3), onde os comerciantes de pedras se encontravam em uma feira lotada de pessoas vindas de vários lugares do país e do mundo, principalmente da Índia.

Foto 2- Garimpeiros lavando cascalho para retirar as esmeraldas, Santa Terezinha de Goiás (GO) em (1983).



Fonte: CUSTÓDIO, L. (1983).

Foto 3 – Vista parcial da Av. Dona Dita em Santa Terezinha de Goiás (2015).



Fonte: ROSA, A. K. (2015).

O garimpeiro Sr. C. L. A. até hoje trabalha vendendo pedras. Sobre a época do garimpo conta que foi para Santa Terezinha de Goiás e presenciou todo o período e trabalhava diretamente nas minas conta que:

Íamos trabalhar nas minas a pé 22 km na época só então em 1984, passei a comprar e vender pedras e permaneço nessa profissão até os dias de hoje. Muita gente ganhou dinheiro naquela época, eu mesmo tudo que tenho hoje consegui com o garimpo. Quando o garimpo começou a entrar em decadência eu aproveitei da queda do valor imobiliário e comprei 10 casas que hoje alugo (Entrevista em 13/11/2015).

Com passar do tempo no Garimpo das Esmeraldas já tinha moradores e estes queriam a emancipação para fazer do garimpo uma cidade independente. Acreditavam que isso melhoraria sua infraestrutura e traria maiores benefícios ao local. Foi a plebiscito e o povo decidiu conseguindo assim a tão almejada emancipação e o garimpo passou a se chamar Campos Verdes Goiás. Acredita-se que Campos Verdes apresenta ainda mais impactos do garimpo que a própria cidade de Santa Terezinha de Goiás como descrito a seguir:

Houve um rápido crescimento do povoado, o que alimentou o desejo dos moradores de emancipar o povoado, com liderança do primeiro médico do local, Virmondes Vieira Machado. Depois de um plebiscito, o povoado foi elevado à categoria de município no dia 30 de dezembro de 1987, ganhando, por sugestão de Virmondes Vieira, o nome Campos Verdes, devido às minas de esmeraldas (IBGE, 2016).

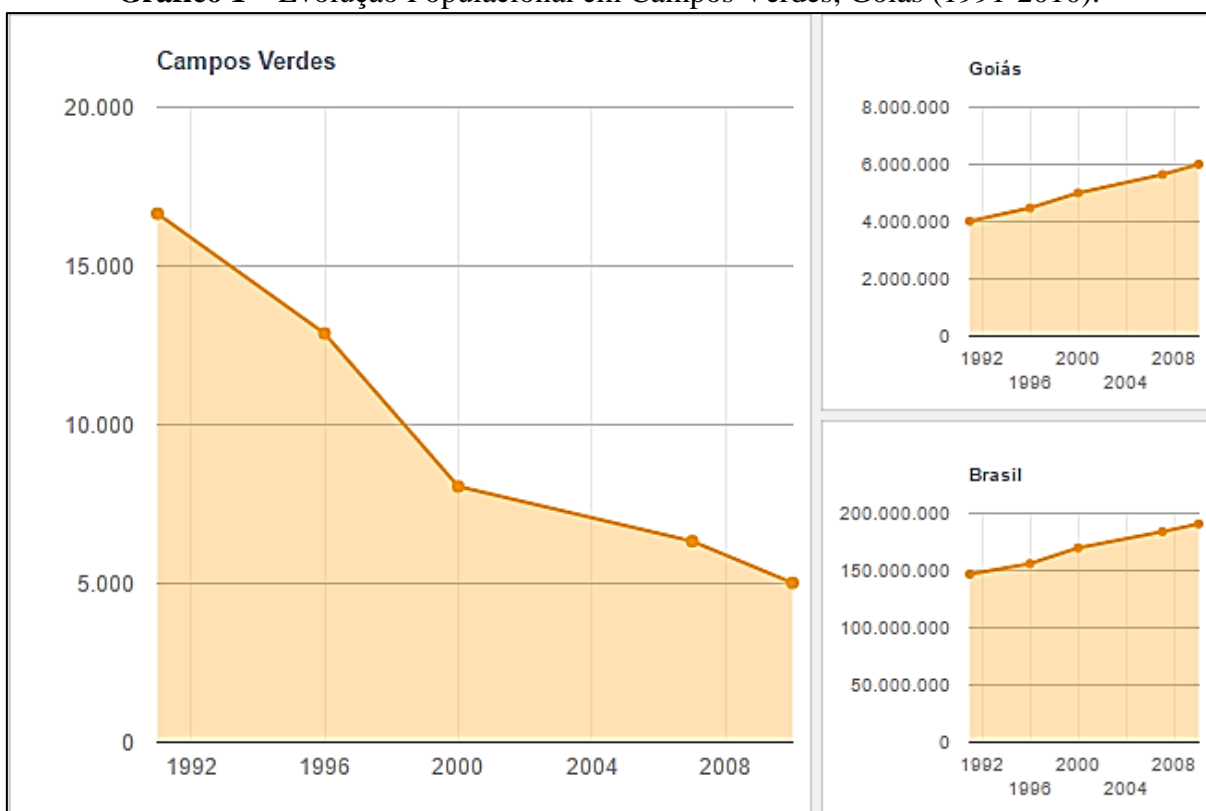
Se compararmos a evolução populacional nos dois municípios (Tabela 1 e 2) a seguir pode-se perceber o quanto essa perda de população foi ainda maior, se somado a população teremos um número superior a 30 mil habitantes já que Campos Verdes pertencia ao município de Santa Terezinha de Goiás.

Tabela 1 – Evolução Populacional em Campos Verdes, Goiás (1991-2010).

EVOLUÇÃO POPULACIONAL			
ANO	CAMPOS VERDES	GOIÁS	BRASIL
1991	16.648	4.018.903	146.825.475
1996	12.875	4.478.143	156.032.944
2000	8.057	5.003.228	169.799.170
2007	6.331	5.647.035	183.987.291
2010	5.020	6.003.788	190.755.799

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010.

Gráfico 1 – Evolução Populacional em Campos Verdes, Goiás (1991-2010).

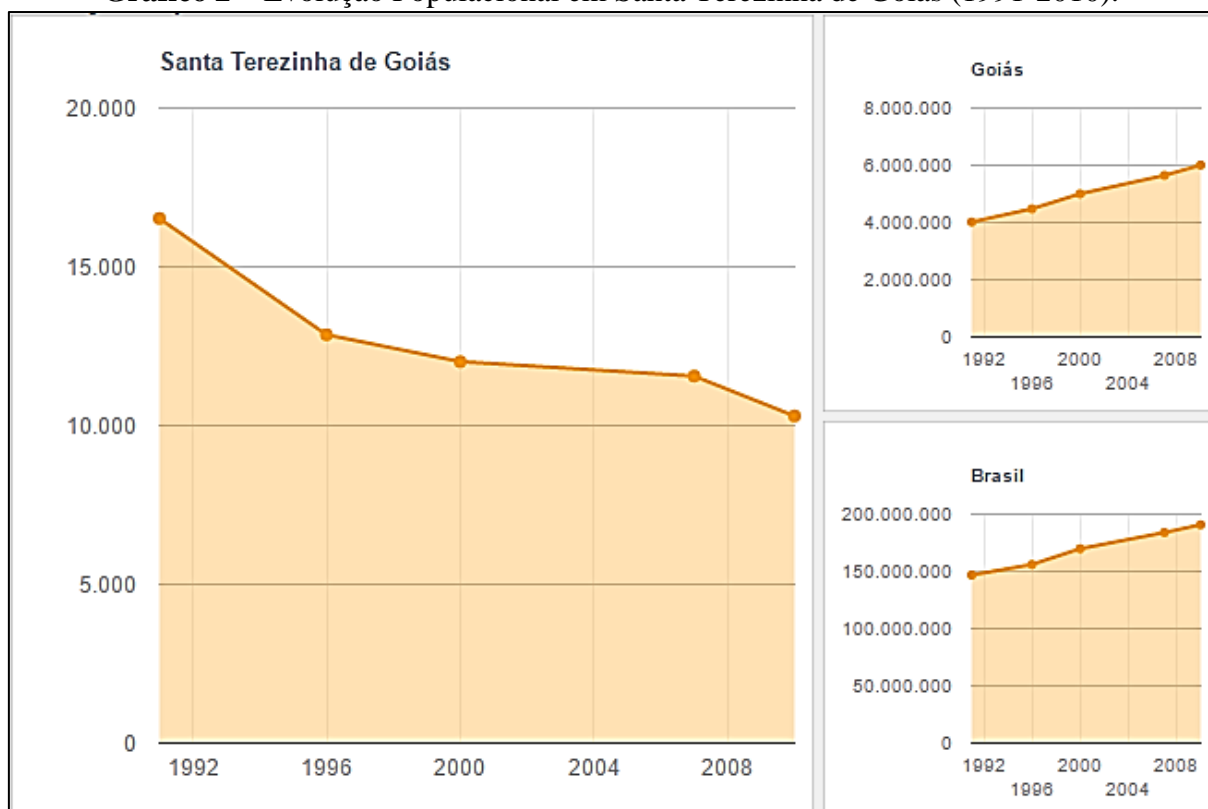


Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010.

Tabela 2 – Evolução Populacional em Santa Terezinha de Goiás (1991-2010).

EVOLUÇÃO POPULACIONAL			
ANO	SANTA TEREZINHA DE GOIÁS	GOIÁS	BRASIL
1991	16.522	4.018.903	146.825.475
1996	12.860	4.478.143	156.032.944
2000	12.015	5.003.228	169.799.170
2007	11.558	5.647.035	183.987.291
2010	10.302	6.003.788	190.755.799

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010.

Gráfico 2 – Evolução Populacional em Santa Terezinha de Goiás (1991-2010).

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010.

Analisando as tabelas e os gráficos podemos perceber que os anos 1991-2000 apresentam maior queda no número de habitantes, ressaltando que este período representa o fim do garimpo. Esses valores poderiam ser mais discrepantes caso houvesse censo referente aos anos 1980 para estes municípios.

A queda drástica no valor imobiliário também foi um dos grandes problemas enfrentados com a decadência do garimpo, com a mesma rapidez que os imóveis se valorizaram em 1980 foi perdendo seu valor nos anos 1990. Poucos foram os que se aproveitaram dessa situação como conta a Sra. S. P. M. P. que foi para Santa Terezinha de Goiás justamente pelo baixo valor imobiliário. Em Crixás Goiás onde vivia não conseguiu comprar uma casa, conta que:

Resolvi mudar para Santa Terezinha devido as casas muito baratas que encontrei aqui. Na época eu tinha um dinheiro guardado que não dava pra comprar um casa em Crixás onde eu morava com minha família. Já aqui pude comprar uma casa boa com o pouco dinheiro que eu tinha. Resolvi então me mudar pra cá no intuito de tentar a vida mesmo não tendo mais tantas oportunidades como antigamente (Entrevista em 13/01/2016).

Nem todos souberam aproveitar da fase gloriosa do garimpo, primeiramente pela falta de experiência com o comércio de pedras era algo novo para os moradores do lugar a Sra. M. P. G. conta que venderam suas propriedades para investir no garimpo e perderam tudo em depoimento conta que:

Vimos eu e minha família de Uruana Goiás vendemos as terras de lá para comprar aqui em Santa Terezinha. Quando começou o garimpo vendemos nossa terra para investir em pedras. Com o fim do garimpo e perda das terras que vendemos, tivemos que trabalhar fora na época eu e meu esposo fomos trabalhar na prefeitura ele como guarda e eu como merendeira (Entrevista 05/01/2016).

A notícia do garimpo em Santa Terezinha de Goiás se espalhou por todo o Brasil e a pequena cidade passa a ser conhecida como Capital das Esmeraldas, recebendo pessoas de todas as regiões do país com o sonho de conseguir uma vida melhor. Como conta o comerciante H. F. R.

Vim de Campinorte Goiás com a notícia do garimpo já encaminhando para o fim no ano de 1987, mas a cidade parecia está sempre em festa de tanta gente. Cheguei aqui com um fusca e troquei em um bar e fiquei devendo o resto do pagamento, com isso ganhei dinheiro consegui comprar um terreno onde construí uma churrascaria que tenho até hoje. Na época do garimpo ganhei muito dinheiro, porém devido a falta de experiência com tanto dinheiro não aproveitei o tanto que era possível, quem dera pudesse voltar o tempo e acertar nos pontos onde errei. (Entrevista em 15/01/2016).

Com o aumento da população em Santa Terezinha aumentou também a violência e a prostituição. Grande parte das pessoas que vieram trabalhar no garimpo eram mineiros e nordestinos, o comerciante mineiro B. G. R. que veio acompanhando os pais para trabalhar na

roça com o início do garimpo passa a trabalhar como padeiro e mais tarde abre sua própria padaria conta em depoimento que:

Era tanta gente aqui que se alugava o chão antes mesmo de construir, todos da minha época que chegaram sem nada no bolso aqui com pouco tempo conseguiram dinheiro para comprar casa, carro e muitas outras coisas. E com três meses de trabalho consegui comprar um barraco para morar porque com apenas um dia de trabalho eu já conseguia o dinheiro para três meses de aluguel, logo consegui montar minha própria padaria. Mais por outro lado presenciávamos diariamente brigas, mortes por causa de dinheiro e acerto de contas (Entrevista em 11/01/2016).

A pequena cidade não tinha infraestrutura física e nem social para receber as centenas de pessoas que chegavam diariamente com o sonho de ficarem ricas, causando com isso grande impacto social na cidade. Uma das coisas mais difíceis na época segundo depoimentos de moradores era conseguir um lugar para alugar. Os moradores alugavam quartos ou faziam barracos em qualquer lugar, inclusive locais de insalubridade. O Sr. G. G. C. conta que deixou a família em Senhor do Bonfim na Bahia no ano de 1982 para trabalhar como sacoleiro, como eram conhecidos os comerciantes de pedras no garimpo, só após cinco anos retornou para buscar a família na Bahia, em depoimento conta que:

Cheguei da Bahia no auge do garimpo com o propósito de trabalhar para conseguir um local pra morar e buscar minha família na Bahia, e trabalhei de sacoleiro e consegui comprar uma casa, foi quando trouxe minha mulher e meus seis filhos para cá. Porém com o fim do garimpo, precisei voltar a minha antiga profissão que era marceneiro para manter as despesas da família (Entrevista em 15/01/2016).

A quantidade de pedras retiradas no garimpo era muito grande, por isso os garimpeiros pegavam as maiores e de melhor valor descartando as inferiores e de mais baixa qualidade conhecida como sieba. Os siebeiros, como eram conhecidos as pessoas que pegavam essas pedras inferiores para vender, também conseguiam muito dinheiro. Como não havia custo algum, muitas pessoas vendiam siebas. Como Sr. C. P. P. em depoimento:

Cheguei aqui com minha família que morava na fazenda em Itapaci Goiás, trabalhava vendendo picolé na época, quando um colega que vendia pedras deu a ideia me chamando para comercializar as pedras. Caçando as siebas no meio dos xistos que eram descartados pelos garimpeiros. Como estava ganhando muito dinheiro larguei a escola para trabalhar com as pedras e até hoje vivo disso. Consegui tudo que tenho tudo na época boa do garimpo. Mas devido a decadência do garimpo e escassez das pedras muitos dos meus colegas garimpeiros deixaram a cidade, muitos deles foram tentar a vida no garimpo de Carnaíba na Bahia (Entrevista em 14/01/2016).

Não acabou completamente a comercialização das pedras na cidade existem ainda algumas pessoas que vivem da venda de pedras e até mesmo acreditam na reativação das minas como o Sr. A. O. S. nordestino que veio em 1982, para trabalhar comercializando pedras e vive disso até hoje conta que:

Sei que a economia da cidade está mudando para a pecuária e quase não se vê mais falar em garimpo, mas eu ainda sonho com a reativação do garimpo porque é isso que sei fazer, desde que me entendo por gente o que sei e mexer com pedras, entendo de pedras e mais nada. Então pra mim no momento essa é a alternativa (Entrevista em 29/12/2015).

Muitas pessoas que acompanhavam os pais indo para o garimpo aprenderam a lidar com o manejo e venda das pedras desde muito jovens, e com a decadência do garimpo precisaram procurar outras formas para sobreviver. O Sr. A. J. R. ainda comercializa pedras até hoje, porém esse não é seu trabalho principal até porque o comércio de pedras é muito pouco hoje, ele conta que:

Desde muito jovem aprendi com meu pai a trabalhar comercializando pedras, porém com a desativação das minas e baixa procura, o povo daqui teve que aprender a viver de outras formas na lavoura como eu, ou em outras mineradoras existentes na região como a Serra Grande em Crixás ou nas lavouras de cana-de-açúcar de Itapaci. Muito diferente daquela época em que todos podiam viver e trabalhar aqui mesmo (Entrevista em 13/01/2016).

Outro ponto bastante pontuado nos depoimentos foi a melhora quanto a estrutura física da cidade nos últimos anos, chamaram a atenção também em relação a pecuária que tem cada vez mais se destacado no município com a abertura de dois leilões de gado recentemente o que mostra uma redefinição da atividade local para o futuro. Porém em contrapartida foram destacados dificuldades como a falta na área da saúde e educação como relata o professor da rede pública M. A. B. morador da cidade desde a infância destaca que:

Com a decadência do garimpo via se ruas e comércios vazios, praticamente todos os meus amigos se mudaram principalmente para a Europa. A cidade praticamente não possui uma identidade ou uma economia definida as pessoas se viram como podem. Agora que pode se dizer que a pecuária mesmo que timidamente vem se levantando. Outro ponto que quero destacar é a pobreza na questão cultural quase não se vê relatos da tradição raiz de nosso povo que foi tão rica com a vinda dos nordestinos para cá e nunca foram relatadas (Entrevistas em 13/01/2016).

Como a cidade não se desenvolveu completamente as pessoas remanescentes dependem de outras cidades principalmente para a saúde e educação. Na cidade existe apenas um hospital municipal precário e sem médicos especialistas os moradores precisam buscar

tratamentos nas cidades como Ceres, Anápolis e Goiânia. Além disso, dependem dessas mesmas cidades para cursar uma faculdade ou um ensino médio de melhor qualidade. Como acontece com vários jovens que deixam seus pais e vão estudar fora a filha de um ex-garimpeiro, N. C. F. G. destaca que:

Nasci aqui em Santa Terezinha de Goiás, meu pai era garimpeiro e ainda vende algumas pedras mesmo não sendo esta sua única fonte de renda. Aos 19 anos precisei me mudar para Anápolis para cursar uma faculdade. Minha intenção de início era voltar e trabalhar aqui, porém devido a falta de emprego na cidade não foi possível e mesmo depois de formada preciso trabalhar nas cidades vizinhas (Entrevista em 21/12/2015).

Levou muito tempo para a cidade conseguir se reestruturar e se apresentar como está hoje. Mesmo com menos da metade da população que já teve, pode se dizer que a estrutura física atualmente é bem melhor que na época do garimpo, como por exemplo, tratamento de água, coleta de lixo entre outros. Mas ainda sim muita coisa precisa ser melhorada além de todos os problemas aqui já pontuados.

O município de Campos Verdes Goiás como ficou conhecido o garimpo de esmeraldas antes pertencente a Santa Terezinha de Goiás, hoje passa por um estado de decadência, devido ao mal planejamento e a falta de infraestrutura o local não conseguiu se reerguer com o fim do garimpo, restando apenas seus reflexos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho foi possível constatar que as pesquisas relacionadas ao estudo de pequenas cidades, apresentam contradições quanto a classificação de pequena cidade, e são deficitárias, principalmente pelo fato da maioria das vezes considerar apenas o critério demográfico e concentração populacional.

As pequenas cidades assumem um papel de suma importância no contexto geral das redes urbanas, elas são responsáveis por parte da produção econômica, e devem ser consideradas suas funcionalidades a circulação de pessoas, informações e valores.

Santa Terezinha de Goiás é uma pequena cidade que já foi conhecida mundialmente por suas Esmeraldas, porém com o fim do garimpo ela passou por grandes dificuldades levando mais de vinte anos para se reorganizar. O que podemos destacar quanto a isso é que, uma cidade que passa por um período de mineração pode até não apresentar seus reflexos do passado quanto a economia em alguns casos, o problema é quanto tempo ela leva para conseguir apagar as consequências que este período trouxe em relação às perdas socioeconômicas, visto que a comunidade tem que buscar novas fontes de renda, e isto demanda tempo e organização política e social.

Ressalta-se ainda que muitas vezes a criação de um município está inteiramente ligada aos interesses políticos, como observado na realização desta pesquisa. A criação do município de Campos Verdes no local onde era extraído as esmeraldas de Santa Terezinha de Goiás foi fundamentalmente política, pois não levaram em consideração a infraestrutura local e nem a proximidade dos dois municípios. Campos Verdes após ser emancipado entrou em decadência e até hoje amarga as consequências dos atos da época.

Através das entrevistas realizadas com a população antiga da cidade foi constatado que a população local não depende mais do garimpo para se manter, muitos até mesmo acreditam que o mesmo não reflete mais no dia atuais e que os problemas hoje enfrentados pela população são outros não diferentes do restante do Brasil.

A economia local atualmente está voltada para o comércio. Seguido da pecuária que tem timidamente ganhado espaço nos últimos cinco anos. Percebe-se pelos dois leilões de gado instalados na cidade neste período.

Diante dessas colocações podemos destacar que de fato grande parte da população deixou a cidade após o fim do garimpo, mas a cada ano este número continua caindo, mas por novos motivos, os mais pontuados pela população nos depoimentos foram: a falta de emprego, a cidade não possui nenhuma empresa que necessite de muita mão de obra apenas pequenos comércios, sendo a prefeitura municipal a maior empregadora.

Outro problema pontuado pela população que afeta principalmente os jovens é a falta de Universidades, o que obriga o deslocamento para a capital Goiânia, Anápolis ou Ceres. Que também são referências no atendimento da saúde já que a cidade conta com apenas um hospital municipal para atender a toda a população.

Podemos concluir que uma pequena cidade quando enfrenta um período de exploração mineral fica profundamente marcada pelo falso progresso, já que na euforia do extrativismo tem se a sensação de desenvolvimento e riqueza quando na verdade tudo é volátil e passageiro. Visto que nessa febre tem se apenas o foco de ganhar dinheiro e não há preocupação com a infraestrutura, sendo esta a causa das grandes dificuldades enfrentadas pelas pequenas cidades extrativistas.

REFERÊNCIAS

- BACELAR, W. K. A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global: as relações e especificidades sóciopolíticas nas pequenas cidades de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG.** 411 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- CAMARANO, Ana Amélia et al. Desigualdades na dinâmica demográfica e as suas implicações na distribuição de renda no Brasil. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- CASTRO, F. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas.** 11ªed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Construindo o conceito de cidade média.** In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (Org.). Cidades médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 Agost. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Histórico de município de Santa Terezinha de Goiás.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521970&search=goias|santa-terezinha-de-goias|infograficos:-historico>. Acesso em: 15 Fevereiro 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Histórico do Município de Campos Verdes Goiás.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=520495&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico>. Acesso em: 15 Fevereiro 2016.
- Instituto Mauro Borges. **PIB dos municípios goianos 2010-2013.** Disponível em: <<http://www.imb.go.gov.br/>> Acesso em: 05 Março, 2016.
- LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE Wendel.(Org).**Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.**Salvador: SEI, 2010.
- MELO, Nágela A. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas.** Tese (Doutorado em Geografia) – UFU , Uberlândia, 2008.
- MOREIRA, Jr. O. **Tendências sobre as pesquisas geográficas sobre cidades pequenas no Brasil: apontamento para análise.** UNESP, Rio Claro, p. 1-32, 2014.
- OLANDA, E. R. **As pequenas cidades e o vislumbre do urbano pouco conhecido pela geografia.** In: Ateliê Geográfico. Goiânia: UFG, v.2, n. 4, agos, 2008.
- PALACÍN, Luiz. **O Século do ouro em Goiás.** 3 ed. Goiânia: Oriente/INL –MEC, 1979.
- PIMENTEL, Célia. **Santa Terezinha de Goiás e suas reminiscências.** Goiânia: Kepls, 2010.

SANTOS, M. **As cidades locais no Terceiro Mundo:** o caso da América Latina. Espaço e Sociedade: Ensaios. Vozes: Petrópolis, 1979.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura da. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOARES, B. R., MELO, N. A. **Cidades médias e pequenas:** reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (orgs.) Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010.

ANEXO I



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CURSO DE GEOGRAFIA-REGIONAL JATAÍ**

Acadêmica: Karla Lopes Rosa

Docente Orientador: Dra. Maria José Rodrigues

Tema: A Dinâmica Populacional e suas causas em Pequenas Cidades do Norte do Estado de Goiás: SANTA TEREZINHA DE GOIÁS (GO) como foco de análise (1970/2010)

Questionário para Entrevista

Identificação

Nome do entrevistado: _____

Profissão: _____

Data da entrevista: ____/____/____

Sexo: () Masculino () Feminino

Naturalidade: _____

Escolaridade: () Sem Escolaridade () Fundamental () Médio () Superior () Pós-Graduação

Questionário Moradores/Comerciantes

01- Há quanto tempo mora na cidade de Santa Terezinha de Goiás?

02- Nasceu aqui ou veio por algum motivo?

03- Qual foi maior mudança que pode observar com a desativação das minas de esmeralda para o município?

04- O auge e o fim do garimpo influenciou de alguma forma a vida? Se sim. Como?

05- Quais são as principais dificuldades encontradas nos dias de hoje no município?

Questionário/Políticos

06- O fim do garimpo causou prejuízos ao município? Como a prefeitura enfrentou essa questão?

07- Quais foram as providências da prefeitura municipal para minimizar o impacto do fim da mineração?

08- Em sua opinião o que reflete nos dias de hoje as causas do apogeu e fim do garimpo para a cidade?

ANEXO II

Lista de Entrevistados

1. J. M. S. - ex-vereador de Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
2. E. M. P. - ex-prefeito de Santa Terezinha de Goiás, Dezembro de 2015.
3. S. P. M. - aposentada, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
4. N. C. F. - filha de garimpeiro, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
5. M. A. B. - professor, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
6. A. J. R. - ex- garimpeiro, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
7. A. O. S - comerciante de pedras, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
8. G. G. C - ex- comerciante de pedras, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
9. C. P. P. - comerciante de pedras, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
10. B. G. R - comerciante, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
11. H. F. R – comerciante, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
12. M. P. G - aposentada, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
13. C. L. A. - garimpeiro, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
14. J. N. S. - ex-prefeito, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
15. J. C. R. - comerciante, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
16. L. S. F. - fazendeiro, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.
17. J. F. R. - trabalhador assalariado, Santa Terezinha de Goiás, Dezembro de 2015.
18. M. R. R. - aposentada, Santa Terezinha de Goiás, Dezembro de 2015.
19. J. V. P. R. - pedreiro, Santa Terezinha de Goiás, Dezembro de 2015.
20. E. F. C. - trabalhadora assalariada, Santa Terezinha de Goiás, Janeiro de 2016.